

A woman with blonde hair is shown in profile, facing left. She has intricate floral tattoos on her neck, shoulder, and arm. She is wearing a dark, beaded dress with a green strap. The background is white with faint floral patterns.

MADELINE
HUNTER
JOGOS
DO PRAZER

*Ela perdeu a fortuna e a inocência.
Ele a fez esquecer todos os erros do passado.*



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CAPÍTULO 1

Roselyn Longworth refletiu sobre sua desgraça.

O inferno não era feito de fogo e enxofre, concluiu. Era feito de um cruel autoconhecimento. No inferno, você aprende a verdade sobre si mesmo. Enfrenta as mentiras que disse à própria alma para justificar um erro.

O inferno era também a humilhação infinita, exatamente o que ela sentia naquela festa numa casa de campo.

Ao redor, os outros convidados de lorde Norbury riam e brincavam enquanto aguardavam o chamado para o jantar. No dia anterior, ao chegar na carruagem de lorde Norbury, descobrira que a lista de convidados não era o que ela esperava. Os homens faziam parte da sociedade culta, mas as mulheres...

Um grito interrompeu seus pensamentos. Uma mulher que usava um espalhafatoso vestido de noite azul-safira fingia afastar o homem que a agarrava. Os outros incentivavam o companheiro. Até Norbury fazia isso. Após a falsa resistência, a cativa se rendeu a um abraço e um beijo que não deveriam ser dados em público.

Roselyn avaliou os rostos maquiados e as roupas exageradas das mulheres. Os homens não tinham trazido suas esposas. Não tinham sequer levado suas amantes refinadas. Aquelas mulheres eram prostitutas dos bordéis de Londres. Ela desconfiava que algumas nem ao menos teriam esse status.

E ela estava no meio.

Não podia negar a dura conclusão a que isso levava. Os homens trouxeram suas prostitutas e lorde Norbury trouxera a dele.

Como ela podia ter interpretado tão mal os fatos ocorridos havia um mês? Tentou se lembrar do dia em que lorde Norbury lhe fizera os primeiros elogios e propostas, mas a recordação se fora, virara cinzas diante da chama impiedosa da realidade das últimas 24 horas.

De repente ele passou por entre seus convidados, vindo na direção dela. A cada passo, aumentava um pouco o brilho nos olhos dele. Antes ela via neles chamadas de amor e paixão. Naquele momento, enxergava apenas reflexos gélidos.

Tinha sido uma idiota, patética.

– Está muito calada, Rose. Passou o dia todo assim.

Ele se aproximou, assomando ao lado da cadeira dela. No dia anterior, ela teria ficado feliz em receber a atenção dele e julgaria romântico seu gesto.

Burra, burra!

– Pedi que me deixasse ir embora. Só estou nesta sala porque o senhor exigiu que eu descesse para o jantar, portanto não reclame por não me envolver nas brincadeiras da sua festa. Não me interessa pelas pessoas que estão aqui, nem pelo comportamento libertino que demonstram.

No canto da sala, o casal enlaçado já não notava o mundo ao redor, ainda que o mundo percebesse a apalpação deles.

– Nossa, como é orgulhosa. Muito mais do que deveria.

A observação tinha um toque cruel. Ela sentiu a nuca formigar.

Ele não se referia apenas à opinião dela sobre a festa. Rose havia recusado algumas coisas na noite anterior. A princípio nem entendera o que ele queria e não escondera seu espanto quando ele lhe explicara.

Em questão de minutos, o amante afetuoso e generoso se transformara no comprador zangado e cheio de desprezo. Frio. Duro. Mesquinho. Transformara-se num homem que pagara mais do que deveria por um bem e depois descobrira o engano.

Ela ficou com o rosto quente ao se lembrar da sórdida cena no quarto, antes que ele sáísse. Pensava que era a amada, a amante. Ele deixara claro que a considerava uma prostituta como outra qualquer. As palavras mordazes tinham sido como tapas que a despertaram de uma ilusão criada por sua solidão e falta de esperança.

– Se sou muito orgulhosa, chame a carruagem e me deixe partir. Seja gentil e permita que eu mantenha o pouco que me resta desse orgulho.

– Mas eu ficaria sem uma mulher. Vou parecer idiota em minha própria casa.

– Diremos que adoeci. Diremos que...

Ele colocou a mão no ombro dela, fazendo-a calar-se. Apertou com firmeza, para machucar. Ela tentou conter um tremor de repulsa por ter aquela mão em sua pele.

– Não vamos dizer nada. Você não vai a lugar nenhum. Espero que continue a demonstrar gratidão por minha generosidade. Se me agradar, podemos continuar com nosso acerto. Você gosta de vestidos e enfeites, Rose. Quer ter o luxo e o conforto que perdeu após a ruína de sua família.

Ela sentiu a garganta apertar. Piscou, afastando as primeiras lágrimas do dia.

– O senhor entendeu errado.

– Você me concedeu seus favores e sua inocência. Aceitou meus presentes. Não entendi errado coisa nenhuma.

Ele se inclinou, pondo o rosto a centímetros do dela. Rose conteve a vontade de afastar aquela cara vermelha, os olhos claros e os cabelos louros que antes

eram de um homem a quem respeitava. Tinha até se convencido de que ele era bonito.

– Pelo menos agora nos entendemos, não é? – disse ele, fazendo a frase soar como uma exigência, e completou: – Esta noite não haverá mais melindres infantis.

Ela sentiu o estômago revirar.

– Já houve muitos mal-entendidos e acredito que continue havendo. Passei o dia inteiro pedindo para ir embora porque não acontecerá nada esta noite.

A boca de Norbury formou uma linha tão dura que ela se sentiu aliviada por haver outras pessoas ali. A mão no ombro forçou o aperto.

– Está pondo a paciência de um homem à prova, Rose.

De novo, ela sentiu um formigamento na nuca, que dessa vez se espalhou pela coluna. Examinou o rosto dele em busca do homem jovial que até pouco ela pensava que a amasse. Não encontrou nada. Claro que não. Aquele homem nunca existira.

Um pequeno distúrbio quebrou a batalha silenciosa travada entre eles. O mordomo se aproximava. Norbury pegou o cartão que ele trazia numa salva de prata. Leu-o e se afastou.

Abriu as portas que davam para a biblioteca. Antes que se fechassem, Rose viu de relance um homem alto, de cabelos negros, à espera.

Sentiu novamente o estômago revirar. Tentou conter o pânico que ameaçava invadi-la.

Mais uma vez, tinha sido burra. Ignorante e cega. O que acabara de enfrentar não era nada. A verdadeira descida ao inferno aconteceria à noite.



Ao entrar na biblioteca, Norbury parecia zangado. Kyle Bradwell, que o esperava, vislumbrou a sala de visitas antes que as portas se fechassem.

– Bradwell. Pensei que viesse mais cedo.

– Os inspetores demoraram mais do que o esperado – explicou Kyle e então fez um gesto em direção à sala e comentou: – Está dando uma festa. Posso voltar amanhã.

– Bobagem. Já está aqui. Vejamos o que trouxe.

O rosto de Norbury se abriu num sorriso supostamente encorajador.

Kyle desconfiou que a irritação não tivesse sido motivada pela hora da visita. Como quase todos os homens de sua posição social, o visconde de Norbury, filho e herdeiro do conde de Cottington, não gostava de ser contrariado.

Julgava que todos, menos os seus pares, tinham obrigação de concordar com tudo o que ele fizesse ou dissesse. Pelo jeito, alguém ali não seguira essa norma.

Kyle abriu um grande rolo de papel em cima da escrivaninha. Norbury se debruçou sobre o mapa. Olhou-o com atenção e apontou para uma parte vazia próxima de um riacho.

– Por que não há nada aqui? Podemos construir mais uma casa e de bom tamanho.

– Seu pai não quer mais uma casa que possa ser vista dos fundos do solar principal. Por causa do riacho, não há como aproveitar o terreno sem que uma casa fique...

– Ele não está em condições físicas ou mentais de decidir essas questões. Você sabe. Por isso ele me passou a administração dos negócios.

– O terreno continua sendo dele, que me deu ordens diretas.

Sem dúvida, a irritação de Norbury agora era motivada por Kyle.

– É típico dele. Concorde em dividir uma de nossas propriedades em pequenos lotes para satisfazer seus amigos arrivistas e depois se preocupa com o futuro do velho solar. Nunca o usamos, então por que se preocupar? Quero que construa mais uma casa aqui. Será a melhor e a mais cara do local.

Kyle não queria discutir, mas viu que seria obrigado. Norbury não entendia nada sobre loteamento de terras. Não sabia dizer qual a melhor área, muito menos os valores que seriam acertados. A família dele forneceria apenas o terreno e lucraria bastante. Os únicos riscos seriam assumidos por Kyle e pelos outros investidores do grupo que construiria aquelas casas e estradas.

– Talvez considere insensatas as vontades de seu pai, mas não perdemos nada em atendê-las. Os compradores não gostariam de ter vista para o solar, da mesma forma que a sua família não gostaria de ver a casa dos compradores. Além disso, para construí-la, teremos que dar continuidade a esta estrada aqui, que atravessaria mais dois lotes e reduziria o valor deles.

Norbury olhou o dedo de Kyle percorrer o mapa. Não gostava de estar errado. Nenhum homem gostava.

– Bom, Kyle, suponho que vá funcionar do jeito que está – disse, por fim.

Aquilo soou como se o visconde concordasse, mas Kyle sabia que cada palavra tivera um motivo para ser usada. “Do jeito que está” dava a entender que poderia ter ficado melhor. “Suponho” era um lorde dando sua aprovação de má vontade. E chamá-lo de Kyle tinha sido a escolha de palavras mais condescendente de todas.

Os dois se conheciam muito bem. Tinham se encontrado muitas vezes na vida, desde meninos. Mas, mesmo se um gostasse do outro, o que não era o

caso, as origens bem diversas e uma antiga hostilidade mostravam que jamais seriam amigos. Norbury se esforçava para que não ocorressem suposições erradas quanto a isso. A forma de tratamento era uma maneira de colocar o arri- vista em seu lugar, que era bem abaixo do conde de Cottington ou do visconde de Norbury. Evidentemente, Kyle não podia retribuir aquela informalidade.

– Vejamos o projeto das casas – sugeriu Norbury.

Usar o verbo no plural era mais uma forma de arrogância.

Kyle desenrolou vários projetos. Levando em conta o humor de Norbury, concluiu que sua suspeita estivesse certa. Alguém na sala de visitas tinha atingido o orgulho do anfitrião.

Isso não era difícil. Norbury tinha um jeito jovial na maior parte do tempo, mas era temperamental às vezes. E também não era muito inteligente. De vez em quando era preciso mostrar-lhe o óbvio, como os problemas em lotear aquela parte do terreno. Infelizmente, Norbury podia se tornar mesquinho quando percebia que tinha sido idiota ou bancado o tolo.

O clima ficou mais amistoso quando discutiram a localização dos cômodos e quantos quartos de empregados as casas deveriam ter. Kyle fingiu concordar quando Norbury disse que qualquer pessoa precisava de uma dúzia de criados para ter o mínimo de conforto.

– Invejo esse seu talento – admitiu Norbury com um suspiro, apontando para um dos projetos. – Eu deveria ter estudado isso. Se não fosse a minha origem, talvez o mundo hoje tivesse outro arquiteto do porte de Christopher Wren. Mas tenho obrigações a cumprir, não é?

Mesmo sem achar graça, Kyle sorriu enquanto enrolava os projetos.

– Então nos vemos em Londres, como combinado. Levarei os projetos finais para nossa reunião.

– Imagino que teremos uma longa tarde. Até lá, receberemos notícias da França a respeito de Longworth e o grupo fará uma primeira reunião para decidir nosso posicionamento.

– Espero que terminemos logo com isso. É um obstáculo.

– Fique tranquilo, haverá justiça. Estamos todos empenhados.

Num momento de gentileza, que ocorria de vez em quando, Norbury o ajudou a amarrar os projetos com fitas.

Kyle fez menção de ir embora, porém notou que o dono da casa o observava.

– Sua sobrecasaca não está tão ruim, considerando-se que você esteve no campo hoje.

– Eu não estava fazendo cercas vivas.

– Aliás, bela sobrecasaca. Eu diria que é mais do que apropriada.

– Faça o possível.

– Eu quis dizer mais do que apropriado para sentar-se à mesa conosco – explicou o visconde e então fez sinal em direção à sala. – Mandei o mordomo chamar os convidados e avisar que eu iria ao encontro deles assim que terminássemos. Você também pode vir.

Norbury se encaminhou para a porta como quem esperasse ser seguido.

– Vai se divertir na festa – falou.

Sendo um homem de negócios, Kyle nunca perdia uma oportunidade de manter contato com pessoas ricas e de alta posição social. Os cavalheiros também não se incomodavam em recebê-lo. No final, o dinheiro fala mais alto que o sangue e ele tinha talento para fazer os ricos ficarem mais ricos.

Seguiu Norbury até a sala de jantar. Os sons abafados de uma festa animada se transformaram num rugido quando a porta foi aberta.

Kyle deu uma olhada no grupo e percebeu que não faria qualquer contato de negócios naquela noite. Os homens podiam ser da nata da sociedade, contudo as mulheres, não. Eram prostitutas vulgares, extravagantes e muito maquiadas. As pessoas já estavam bêbadas o bastante para terem perdido qualquer pudor.

Menos uma das mulheres.

Uma loura de incrível beleza e elegância estava sentada perto da extremidade oposta da mesa. Parecia não tomar conhecimento dos outros convidados. Olhava para o nada e tinha uma expressão de passividade.

Tudo nela, da pluma discreta na cabeça ao vestido de noite vermelho e o porte que a fazia tão séria e digna, destacava-a dos homens e mulheres que tinham perdido toda a compostura.

Ele a reconheceu. Vira-a pela primeira vez no teatro, fazia dois anos. Depois de notar seu lindo rosto, mal conseguira acompanhar o que se passava no palco.

Kyle olhou para Norbury:

– O que a irmã de Timothy Longworth está fazendo aqui?

– Eu a seduzi. Nem precisei me esforçar muito, na verdade. Parece que o sangue ruim está em toda a família. Mas já desfrutei de um pouco de justiça enquanto aguardo a queda daquele patife.



Roselyn desejou que o cavalheiro recém-chegado tivesse trazido alguma notícia que obrigasse lorde Norbury a se ausentar por dias.

Teve náuseas quando Norbury voltou para a festa. Sentiu um arrepio de repugnância ao vê-lo percorrer a mesa em direção à cadeira vazia ao lado dela.

Notou que duas pessoas perceberam sua reação. O homem alto e moreno que saíra da biblioteca junto com Norbury olhara para ela no momento em que se sentava à extremidade oposta da mesa. Uma mínima mudança na expressão dele dera a entender que havia notado sua repulsa.

Em frente a ela na mesa, uma mulher chamada Katy também notara. Seus olhos brilhantes viram Norbury se aproximar, depois encontraram os de Rose, com empatia.

Rose se agarrou a uma satisfação presunçosa de que a moça também estivesse sendo mantida ali à força. Mas Katy sorriu, solidária. Os homens ao redor dela estavam todos conversando e ela se inclinou para a frente de forma discreta.

– As coisas vão mal, não é?

Era uma avaliação tão sutil do que Rose vinha enfrentando que quase a fez rir.

– É, vão.

Katy balançou a cabeça, irritada.

– Ele devia saber e você também. Não combinaram as condições, não é? Precisa fazer isso no começo, não importa onde ele a tenha conhecido. Do contrário, as coisas ficam ruins.

– Parece que sim.

Norbury tinha parado para falar com um amigo, mas dali a pouco estaria na cadeira ao lado dela.

– Olhe, os homens são como crianças. Se a mamãe disser que não vão ganhar doce se não obedecerem, eles obedecem. Claro que alguns, não. Há sempre os que fazem a mamãe chorar, mas a maioria sabe como conseguir o que quer. Não é preciso magoar uma garota, se outra vai fazer com prazer o que ele deseja pelo mesmo preço, não é?

Rose não podia competir com a experiência e a objetividade de Katy. Notou que Norbury se aproximava e se empertigou.

Katy examinou o vestido e o penteado dela.

– Se você quiser, podemos trocar. George, este aqui ao meu lado, é fácil e, se pagarem bem, tipos como o seu lorde não me incomodam.

– Obrigada, mas não quero ficar com George. Não quero nenhum. Eu quero...

– Vejo que finalmente se dignou a falar – comentou lorde Norbury ao se sentar ao lado dela. – Que bom. De nada adiantaria estragar a festa.

Os olhos de Katy mostravam que sua oferta estava de pé. Rose olhou para George. O corpulento irmão de um barão percebeu e sorriu, satisfeito.

Katy concluiu que isso bastava e se pôs a flertar com lorde Norbury. Rose começou a pensar desesperadamente numa estratégia, caso houvesse de fato uma troca de pares.

O homem que tinha entrado na sala com Norbury olhou para ela. Parecia maior e mais forte do que aqueles cavalheiros bêbados, mas talvez fosse só ilusão dela, pelo fato de ele estar sóbrio. Sentou-se ao lado de uma das mulheres e, de vez em quando, falava com ela e com o homem à frente na mesa. Mas a maior parte do tempo ele apenas observava os demais convidados enquanto jantava.

O rosto dele não tinha qualquer refinamento ou suavidade, mas era bonito. Não usava smoking, o que não fazia muita diferença na extrema informalidade do ambiente. O traje que usava era irrepreensível. Devia ter pedido ao alfaiate uma roupa cara, de corte e tecido que agradassem a todo mundo.

Katy parecia estar tendo sucesso em seduzir lorde Norbury. Porém, ainda que fizesse insinuações chocantes para Katy, o lorde continuava atento a Rose. Em vão, ela tentava adivinhar os pensamentos dele. Era óbvio que estava tramando algo.

O visconde se levantou para se dirigir aos convidados. Aos poucos, eles se calaram.

– Imagino que alguns aqui não conheçam uma das pessoas presentes – começou ele. – Gostaria de apresentá-la.

Rose imaginou que ele apresentaria o homem que estava na extremidade da mesa. Em vez disso, Norbury estendeu a mão para ela.

– Levante-se, minha cara.

Ela não podia fazer outra coisa senão se levantar. Todos os olhos se fixaram nela. Os únicos sóbrios pertenciam ao convidado que chegara por último.

– As lindas moças devem estar se perguntando por que esta dama orgulhosa está no meio de vocês – disse Norbury. – A Srta. Longworth tem um irmão que não é capaz de honrar as próprias dívidas, que não são poucas. Ela tem berço, mas não o suficiente: o dinheiro acabou faz tempo e os parentes estão longe demais para fazerem diferença. Por acaso, seu último tropeço a fez cair na minha cama e talvez tenha sido uma queda no precipício. Ela preferiu presentes a dinheiro, assim pôde fingir que os fatos não eram o que eram. E imaginou coisas românticas quando propus apenas uma boa troca.

Rose trincou os dentes para não chorar nem gritar. Todos a olhavam, rindo. Até Katy. As prostitutas assentiam. Sim, a Srta. Longworth era o tipo de dama que gosta de fingir. Aquelas mulheres que nunca fingiam também não tinham muita empatia.

Não, nem todos os presentes olhavam para ela. O último convidado parecia não ouvir o que se passava. Bebia de sua taça de vinho como se pouco se importasse.

– Bom, o fato é o seguinte: estou com essa mulher, mas me cansei dela – declarou Norbury. – Lastimo a indulgência com que a tratei e os presentes que a tornam tão linda no meio de vocês. Na verdade, estou interessado em outra.

Ele olhou para Katy, que tentou parecer pudica e surpresa.

– George, este aqui ao meu lado, deve estar achando que vai haver uma simples troca. Não se acanhe, George, percebi o seu flerte. Mas talvez eu possa compensar minhas perdas nesse vestido e no restante. Então, o que acham, senhores? Posso leiloar a Srta. Longworth?

Os presentes acharam que um leilão seria bem divertido. Risos e gritos ecoaram enquanto todos se preparavam para uma ótima atração.

Rose não conseguiu disfarçar o choque. Virou-se para Norbury, de forma que ele percebesse sua reação, o que só serviu para aumentar a satisfação dele.

– Não vou aturar essa afronta!

Ela afastou a cadeira e se virou para sair. Foi impedida por alguém que a segurou pelo braço.

– Ela é espirituosa e precisa ser domada, senhores. Só isso, para alguns de vocês, já valeria uns xelins a mais.

Norbury apertou o braço dela com força. Apesar do sorriso, o olhar continha uma ameaça.

Alguns homens se apuraram para ver melhor. Ela ficou enojada por se sentirem atraídos por uma mulher que seria tomada à força.

– Vejamos. Acho que devo exibi-la um pouco, não?

Norbury fingiu refletir.

Ela queria bater nele. Não, queria matá-lo. Tentou puxar o braço, mas ele apertou ainda mais os dedos.

– Você *não vai* fazer isso.

O visconde a ignorou.

– Bom, como podem ver, ela é linda. Sempre a considereei uma das mulheres mais bonitas de Londres.

– Essa beleza não vai durar muito – avisou uma prostituta. – Ela deve ser alguns anos mais velha que eu.

– É verdade que é uma mulher madura, mas o homem que a dominar poderá desfrutar bastante até que sua beleza encantadora acabe.

Ele coçou a cabeça.

– Por uma questão de justiça, preciso falar nos defeitos também, não? Como

fazer isso de maneira delicada? Não tem jeito. Sou obrigado a informar que ela não é muito *participativa*, o que os senhores devem saber o que significa.

Ela tentou se agarrar à raiva para não desmaiar. Ainda assim, os rostos pareciam se multiplicar e se mover, até que ela se visse diante de uma centena de máscaras cheias de malícia.

– Devo dizer também que, como ela começou tarde, ainda tem o que aprender.

Meu Deus!

– Posso dar umas aulas – ofereceu-se uma prostituta, segura.

Norbury fez uma reverência para ela.

– Minha cara, no livro da erudição carnal, você está redigindo o capítulo vinte e a Srta. Longworth ainda não chegou a ler o dois. Há homens que gostam de ensinar e são esses que devem abrir suas carteiras.

Rose se recusou a reagir. Isso atiçou o interesse de mais alguns. Norbury apertou os dedos ainda mais, a ponto de quase entorpecer o braço dela.

– Mas devo admitir algumas qualidades – emendou ele. – Primeiro: ela não é gananciosa. Segundo: para aqueles que, como eu, foram prejudicados pela falência do irmão dela, seus favores são uma compensação...

Pasma outra vez, não conseguiu continuar indiferente. Virou-se para encará-lo. Não imaginava que tivesse sido essa a motivação dele. Não mesmo. Tinha se enganado quanto a tudo. Fora assediada e seduzida por vingança.

Canalha!

– E terceiro: para alguém de pele tão clara, ela tem os mamilos escuros mais eróticos do mundo.

Os homens ficaram loucos. Em meio a gritos, alguns exigiam ver o que Norbury acabara de alardear.

Ela falou de maneira que só ele pudesse ouvir:

– Nem pense em me aviltar ainda mais com isso. Se ousar, ficarei feliz em ir para a forca por agredi-lo violentamente.

O sorriso de lorde Norbury fraquejou. Ele iniciou o leilão.

– Dou 25 libras – ofereceu George.

– Trinta!

– Trinta e cinco – rebateu George, após uma demora deselegante.

– Cinquenta!

– Sessenta – falou um homem de olhar furtivo.

Rose o reconheceu. Era Sir Maurice Fenwick. Ficou horrorizada com o interesse dele. Era pouco provável que sua vontade fizesse diferença para aquele homem.

– Sessenta e cinco! – ofertou George num tom decidido.

– Setenta!

– Setenta e cinco – contrapôs, imediatamente, Sir Maurice.

– Novecentas e cinquenta libras.

O lance calmo, sem exasperação, pareceu vir do nada.

Um silêncio pasmo pairou por um longo instante no ambiente, depois um zunido baixo se espalhou pela sala. Todos tentavam descobrir qual dos bêbados tinha perdido a cabeça.

Roselyn ficou tão perplexa quanto os demais. E muito preocupada. Uma coisa era recusar-se a um homem que pagara 75 libras. Mas um homem que gastara 950 libras certamente exigiria mais dela.

A atenção da festa se fixou na mesa, onde o último convidado a chegar bebia seu vinho.

Lorde Norbury franziu o cenho para ele.

– Novecentas e cinquenta, Bradwell? Deve ter se enganado.

O convidado chamou um criado e falou algo que os demais não ouviram. Depois olhou bastante sóbrio para o dono da casa.

– De maneira alguma. Mas fiquem à vontade para continuar os lances.

Norbury percorreu a mesa com o olhar, mas a quantia tinha tirado o ânimo dos demais para o leilão. O Sr. Bradwell aguardava como quem não tem pressa. Parecia mais interessado em admirar os castiçais da mesa do que em acompanhar a brincadeira em que tinha entrado.

Quando o silêncio ficou demasiado, ele se levantou e caminhou pela sala.

Rose reparou em seu porte e suas maneiras. Seu instinto a alertou de que estaria melhor com o corpulento e alegre George, ou até com o perigoso Sir Maurice. E melhor ainda com lorde Norbury, que, como a jovem acabara de descobrir, havia levado a sério sua ameaça de se tornar violenta.

Não encontrou nada visivelmente ruim no Sr. Bradwell. Os trajés eram apresentáveis e elegantes, os cabelos negros e ondulados eram ainda mais eficientes que o lance que ele dera em indicar que se tratava de um homem rico. O rosto parecia grosseiro à luz das velas. Se alguém dissesse que era bonito, como de fato era, acabaria acrescentando “a seu modo”.

A pele tinha mais cor que a dos outros homens presentes, como se ele passasse muito tempo ao ar livre; o desenho da roupa mostrava que ele gostava de esportes. Tanto seu corpo alto como seus movimentos suaves e seguros demonstravam força.

Não havia nada especialmente ameaçador nele; mesmo assim, ela se assustou. Parecia que o ar se movimentava para abrir espaço para ele. As ondas formadas por esse movimento a atingiram e ela teve vontade de se esgueirar por

elas. Sua preocupação era similar à que se sente ao encontrar cães desconhecidos na estrada. O instinto lhe dizia que seria sensato evitar aquele animal.

Ele ficou ao lado de Norbury e seu rosto foi iluminado pelos castiçais. Ela notou os olhos mais azuis que já vira. Aquelas duas piscinas profundas não olharam para Rose. Fixaram-se no homem que continuava a segurar o braço dela como por vício.

– Terminamos? – perguntou em voz baixa o Sr. Bradwell. – Ou ainda quer buscar um martelo?

Ainda que Bradwell pudesse estar se referindo a encerrar o leilão batendo o martelo, lorde Norbury achou que o homem aludisse à forma agressiva como ele mantinha Roselyn. Ruborizou.

– Você perdeu a cabeça ao oferecer tanto dinheiro.

– Sem dúvida, mas se um homem não pode perder a cabeça por uma linda mulher, para que serve o dinheiro?

– Você só fez isso para... – Norbury se conteve antes de terminar a acusação petulante e raios gélidos iluminaram seus olhos. – Veja aonde seu orgulho a levou, Rosie. Passou de um visconde para um homem vindo das minas de Durham. Sua decadência pode ser a mais rápida da história da prostituição.

O Sr. Bradwell não reagiu à agressão.

– Pode soltá-la agora. Ela vem comigo. O dinheiro será entregue em sua residência de Londres em dois dias.

Lorde Norbury a soltou. Rose viu as marcas dos dedos dele no braço. O Sr. Bradwell também as percebeu. Uma leve irritação se fez notar em sua expressão calma, uma energia animal até então contida deixando-se transparecer. Não era um homem que apreciasse danos à sua propriedade.

– Está ansioso, não? – perguntou Norbury, em tom alto, para que os demais apreciassem o desfecho.

– De maneira alguma – respondeu o Sr. Bradwell. – Venha comigo, Srta. Longworth.

Ela não queria ir. Achava que, uma vez que estivessem a sós, ele não continuaria a se comportar como um cavalheiro. Sentiu o estômago revirar quando imaginou o que a aguardava.

Ele se inclinou sobre ela. Céus, ia beijá-la! Bem ali, na frente de todos.

O beijo não passou de um hálito quente, mas a sala de jantar explodiu em aplausos e assobios. Enquanto os rostos estavam próximos, ele lhe recomendou, falando em seu ouvido:

– Não resista. Eles já se divertiram demais à sua custa. Tenho certeza de que não quer que continuem.

A moça não teve escolha senão aceitar a companhia do Sr. Bradwell. Do contrário, ele cumpriria a ameaça de divertir ainda mais os presentes. Juntou o pouco de dignidade que ainda lhe restava e se preparou para enfrentar a batalha que viria a seguir. E acompanhou o homem que comprara seu bilhete de saída dali.

CAPÍTULO 2

A Srta. Longworth seguiu ao lado dele como uma rainha. Kyle ficou admirado por ela disfarçar tão bem a humilhação. Só ele percebeu seus olhos úmidos.

Ela quase desabou quando as portas se fecharam. Quase. Parou por um bom tempo, respirou fundo e prosseguiu.

Mas em nenhum instante o encarou. Claro. Agora se encontrava numa situação muito vulnerável. Os dois sabiam que estava à mercê dele. A quantia oferecida no leilão dava bons motivos para ela se preocupar.

Novocentas e cinquenta libras. Tinha sido um idiota. Contudo a outra opção teria sido deixar aquele leilão sórdido prosseguir. E o gordo e dócil George não teria ganhado.

Sir Maurice Fenwick estava disposto a possuí-la e a maneira como examinou o produto à venda não demonstrou boas intenções. Ele era famoso por seus excessos.

– Mandei vir minha carruagem – disse ele. – Vá até seus aposentos com este criado. Ele carregará sua bagagem. Seja rápida.

Ela se empertigou mais.

– Não vou levar nada – anunciou. – Tudo o que está lá em cima foi obtido da forma errada e não quero levar nada que faça lembrar quem deu.

– A senhorita mais que pagou as roupas e joias. É bobagem deixá-las para trás.

O rosto delicado continuou calmo e perfeito, mas o brilho nos olhos dela o fizeram imaginar que a noite, que já estava ruim, poderia piorar.

– Faça como quiser – disse ele.

Kyle retirou num gesto a sobrecasaca, que colocou sobre os ombros dela. Fez sinal com a cabeça para que o acompanhasse.

– Não vou com o senhor.

– Vai, sim. E agora, antes que Norbury desista de deixá-la sair.

Ela olhava para um ponto além de Kyle, como se ele fosse apenas um obstáculo para o que ela tentasse ver.

Kyle admirou o orgulho dela. Porém, naquele momento, ele seria inadequado e um estorvo. Pensou se Roselyn tinha consciência do perigo que correra na casa. Que ainda corria.

– O senhor certamente sabe que não concordei com aquele espetáculo, Sr. Bradwell.

– Não? Ora, maldição, estou desapontado.

– O senhor parece se divertir. Tem um senso de humor peculiar.

– E a senhorita escolheu hora e local errados para essa conversa.

Ela não saiu do lugar.

– Se eu for com o senhor, aonde vai me levar?

– Talvez a um bordel, para recuperar o que vou pagar a lorde Norbury. Perder o dinheiro e o prêmio não é justo, concorda?

De repente ela o encarou. Tentou olhá-lo com desdém, mas o medo que demonstrou bastou para que Kyle se arrependesse da resposta cruel.

– Srta. Longworth, temos de ir. Prometo que vai ficar em um lugar seguro.

E reforçou isso passando o braço por trás dos ombros dela e a empurrando levemente para deixarem o hall de entrada.

Conseguiu levá-la até a porta da carruagem antes que ela reagisse. Então ela parou, congelada, e olhou para aquele transporte escuro e fechado. Ele se obrigou a ter paciência.

De repente, a sobrecasaca o atingiu no rosto. Quando a afastou com as mãos, viu a Srta. Longworth correndo na estrada, noite adentro. Os cabelos louros e o vestido faziam com que ela parecesse um sonho que se esvai.

Provavelmente, Kyle devia deixar que ela fosse embora. Só que não havia para onde, sobretudo com aqueles frágeis calçados que as mulheres usavam em jantares elegantes. A cidade ou o solar mais próximos ficavam a quilômetros de distância. Se alguma coisa acontecesse a ela...

Jogou a sobrecasaca dentro da carruagem, mandou o cocheiro acompanhá-lo e foi atrás da moça.

– Srta. Longworth, não posso deixá-la sozinha. Está escuro, o caminho é perigoso e faz frio.

Ele não aumentou muito a voz, mas ela o ouviu bem. Virou a cabeça para saber a que distância estava.

– Prometo que estará segura comigo.

Ele apressou o passo, mas ela também, e virou em direção a um bosque que margeava a estrada.

– Perdoe a minha brincadeira cruel. Volte e entre na carruagem.

Ela disparou para o bosque. Se entrasse nele, Bradwell levaria horas para encontrá-la. As árvores de copas densas não deixavam entrar muito luar.

Pondo-se a correr, ele se aproximou rápido. Ela acelerou ao ouvir o som das botas dele se aproximando. O cheiro do medo chegou até ele em meio à brisa fria.

Ela gritou quando foi pega. Reagiu atacando-o furiosamente a unhas, que atingiram seu rosto.

Agarrou as mãos dela, forçou-as para trás e as manteve assim com a mão esquerda. Com o braço direito, prendeu o corpo da jovem contra o dele.

Ela gritou de raiva e indignação. A noite engoliu os sons. Contorceu-se e se debateu como louca. Ele a segurou com mais firmeza.

– *Pare com isso!* – ordenou. – Não vou machucá-la. Disse que está segura comigo.

– Mentira! É um canalha igual a eles!

De repente, ela parou. Encarou-o. A luz da lua deixava ver a raiva e angústia dela, mas seu olhar permanecia firme.

Então ela colou mais o corpo ao dele. Ele sentiu os seios encostados em seu tronco. O contato o surpreendeu. Ele reagiu como qualquer homem, na hora. A ereção roçou na barriga dela.

– Está vendo, é igual a eles – acusou Roselyn. – Eu seria uma tola de confiar no senhor.

Ele mal a ouviu. O rosto dela era lindo à luz do luar. Hipnotizava. Um instante se passou sem que ele pudesse se recordar do que o levava àquele abraço cruel. Tudo o que percebia eram os pontos em que se tocavam e a suavidade do corpo que ele segurava. Foi como se um trovão reverberasse na cabeça dele.

A expressão dela se suavizou. Uma adorável surpresa fez os olhos dela se arregalarem. Os lábios se entreabriram levemente. Ela não reagiu mais, tornou-se uma mulher totalmente dócil em seus braços.

Ela se esticou para o beijo que ele queria dar e a luz da lua destacou ainda mais a perfeição de seu rosto.

Mas, de súbito, destacou também os dentes prestes a mordê-lo.

Ele afastou a cabeça a tempo. Ela aproveitou para tentar fugir novamente.

Xingando-se por ter sido idiota *outra vez*, ele se abaixou e a jogou no ombro. Ela socou as costas dele. E foi mandando-o para o inferno até chegarem à carruagem.



Kyle Bradwell jogou Roselyn dentro da carruagem e se acomodou no assento de frente para ela.

– Ataque-me de novo e lhe dou umas palmadas. Não sou uma ameaça para a senhorita e de forma alguma permitirei que me arranhe ou me morda depois de ter pago uma fortuna para livrá-la de homens perigosos.

Ele não teve como saber se foi sua ameaça que surtiu efeito ou se Roselyn simplesmente desistiu. A carruagem partiu. Ele achou a sobrecasaca no meio de rolos de projetos e a entregou à jovem.

– Vista isso para não sentir frio.

Ela obedeceu. Por quilômetros de silêncio, o ambiente se encheu de medo e apreensão.

– Foi um preço alto: 950 libras em troca de nada – disse ela, por fim.

– A opção era deixar que outro pagasse bem menos em troca de alguma coisa, não?

Ela pareceu se encolher dentro da sobrecasaca.

– Obrigada. – O agradecimento saiu numa voz trêmula e fina.

Ela não estava chorando, embora tivesse motivos para isso. O orgulho que ele tanto admirara meia hora antes agora o irritava. Os arranhões ardendo no rosto deviam ter algo a ver com isso.

Pensou se ela havia entendido as consequências daquela noite. Tinha escapado dos abusos de um homem, mas não escaparia dos danos ao seu nome quando todos soubessem da festa e do leilão. E não tinha dúvida de que todos *saberiam*.

Talvez agora, na calmaria pós-tempestade, ela estivesse avaliando os próprios prejuízos, como Kyle avaliava os dele. Norbury ficara irritado com sua intromissão. Não gostara de ter seu divertimento prejudicado e sua vingança, incompleta. O conde de Cottington podia ser o patrocinador, mas era o filho quem tinha a influência e usava o dinheiro.

– Desculpe por ter me descontrolado.

– Depois do que passou, é compreensível.

Ele ainda ficava impressionado com sua habilidade em escolher as palavras para manter uma conversa educada. Virara algo natural para ele, mas às vezes sua verdadeira natureza ainda lhe vinha à cabeça: *É para se desculpar mesmo*.

– Tive muita sorte de o senhor chegar. Fico feliz por haver na festa um homem sóbrio, que se horrorizasse com o que Norbury estava fazendo e que fosse imune às más intenções dele.

Ah, ele se horrorizara, mas não fora tão imune. Afinal de contas, tinha pagado uma enorme quantia.

Imaginou o que teria comprado se não fosse tão desgraçadamente correto. Aquele abraço na trilha podia fazer a fantasia passageira ficar bem real.

Ficou contente por estar escuro, de forma que ela não pudesse enxergar suas feições e adivinhar seus pensamentos. Também não enxergava o rosto dela, e era melhor assim. Roselyn tinha uma beleza que fazia qualquer homem ficar eternamente pasmo. Não gostava dessa desvantagem.

– Posso fazer algumas perguntas? – pediu ela.

Parecia recomposta. Alguém resgatara a dama, como era sua obrigação. Naquela noite, ela dormiria satisfeita.

– Pergunte o que quiser.

– Seu lance foi exagerado. Acho que 100 libras bastariam.

– Se meu lance fosse de 100, Sir Maurice daria 200 e acabaríamos numa quantia muito maior do que paguei. Milhares de libras, talvez. Dei um lance alto para calar os demais.

– Se ele chegaria a milhares de libras, por que não ofereceu mil?

– Uma coisa é saltar de 100 libras para 200, depois 400 e assim por diante. Outra coisa é saltar de 75 para mil. E teria de ser mil, porque 975 pareceria pouco e mesquinho.

– Entendi. Ir direto para mil faria qualquer um parar para pensar. É sem dúvida uma quantia absurda.

E 950 também era, sobretudo se a pessoa tivesse pouco mais que isso. Um ano antes, ele cobriria a oferta facilmente, ainda que na época poucos homens pudessem dispor de tal soma. Talvez dali a um ano ele tivesse essas condições de novo. Mas, naquele exato momento, pagar Norbury faria com que suas finanças já abaladas ficassem ainda mais periclitantes.

A Srta. Longworth escolhera uma hora ruim para precisar ser salva. Mas ele não tivera opção. Tentou se convencer de que faria o mesmo por qualquer mulher.

Claro, ela não era qualquer mulher. Era Roselyn Longworth. Ficara exposta à sedução de Norbury porque empobrecera com os atos criminosos do irmão. Era irônico, pensou Kyle, mas, de certa maneira, Timothy Longworth conseguira tirar ainda mais dinheiro do bolso dele.

– O senhor deve saber que jamais conseguirei lhe devolver 950 libras. Tem expectativas de que eu lhe pague de outra forma? Talvez espere que me sinta em débito e assim passe por cima do amor-próprio.

Era o que ela achava que tinha acabado de ocorrer na estrada? Ele não estava pensando em pagamento, nem em nada. Também não acreditava que ela tivesse qualquer obrigação de agir daquela forma. Mas ela agira. Antes de tentar mordê-lo, claro.

– Não tenho expectativas nem ilusões de desfrutar de seus favores assim, ou por esses motivos, Srta. Longworth.

Céus, que sentimentos nobres você tem, meu caro Kyle. E que idiota elegante.

Mas esses pensamentos insistiam em lhe voltar à mente. A lembrança daquele abraço continuava fresca na memória. Ele decerto teria algumas fantasias. Já que pagara caro por elas, não se sentiria culpado.

– Talvez o senhor tenha falado no bordel para ter certeza de que entendi que, depois desta noite, não devo esperar muito mais que isso da vida. Eu sei. Sei que o que aconteceu trará grandes consequências.

Sim, ela provavelmente sabia. Mas a segurança que demonstrava o fez questionar a situação. E o rapaz que viera das minas de carvão do condado de Durham teve raiva da pose dela, ao mesmo tempo que a admirou. Uma mulher completamente desonrada não devia ser tão fria. Devia chorar sua perda, como faziam as mulheres do vilarejo de mineiros onde ele nascera.

– Srta. Longworth, sua avaliação não terá nada a ver comigo. Perdoe por destrata-la. A preocupação com os custos que esta noite me trará me fez sair do sério.

Ela se inclinou para a frente como se quisesse conferir se ele falava com sinceridade. O luar suave que entrava na carruagem iluminou suas feições: os olhos grandes, os lábios carnudos, o rosto perfeito. Ele ficou sem fôlego só com aquela tênue visão da beleza dela.

– O senhor foi amável e galante, Sr. Bradwell. Se quiser me censurar e falar da minha parcela de culpa nessa derrocada final, acredito que eu deveria fazer a gentileza de ouvir.



Ele não a censurou. Ficou calado, na verdade. Ela desejou que falasse. Aquele breve diálogo a deixara menos insegura. Durante os silêncios, ela só podia ficar ali, com sua preocupação, cercada pela presença dele.

Não tinha como se afastar dele. Grandes rolos de papel enchiam quase toda a carruagem. Imaginou o que seriam.

Mas um instinto continuava alerta a qualquer movimento dele. Sabia que estava por conta da honra daquele homem. Ele também sabia, e aquela cena na estrada complicara tudo. Por dois segundos, não mais que isso certamente, aquele abraço deixara de ser hostil.

Ela afastou a lembrança. Não queria pensar em como sua estupidez a levava

novamente a interpretar mal um homem. Não queria lembrar que cedera mais do que uma mulher decente deveria.

Ele havia comentado que pagaria um preço por tudo aquilo. Ela imaginou quanto. O nome dele seria ligado a fofocas sobre aquele jantar e a “compra” dela, mas, por ser homem, sua reputação não seria destruída. Para certas pessoas, ele até se tornaria mais interessante.

Talvez ele estivesse se referindo ao lance propriamente. Era uma quantia alta para qualquer um. Talvez ele na verdade não tivesse dinheiro para quitar a dívida não planejada.

Se não pagasse, estaria acabado na alta sociedade. Em quase todos os círculos sociais, achava ela. Até nas minas de Durham.

A referência ao lugar tinha sido um comentário interessante. Imaginou qual tinha sido a intenção de Norbury com isso. O comportamento e a forma de falar do Sr. Bradwell não deixavam transparecer suas origens simples.

– Se não está me levando para um bordel em Londres, para onde vamos?

– Para a casa da sua prima. O jornal do condado informou que ela está na propriedade do marido aqui, em Kent.

Aquele homem continuava a surpreendê-la. Não só por saber de Alexia, mas por ter noção de onde encontrá-la.

– Não sabia que ela havia saído da cidade. Se soubesse, podia ter fugido hoje de manhã e ido até lá.

– A casa fica, no mínimo, a uma hora de carruagem. Não aguentaria andar. E acho que não conseguiria fugir.

– Sabe se ela está sozinha?

– O jornal se referiu à chegada da família.

O que podia significar que Irene estivesse com ela. Rose ao menos veria a irmã antes... Os olhos brilharam e ela mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto de sangue. Pensar em ver Alexia e Irene a desarmava mais que qualquer outra coisa.

– Creio que lorde Hayden esteja com ela – comentou Roselyn e sua voz falhou, no mesmo instante em que o Sr. Bradwell se tornou apenas um borrão para os olhos dela. – Eu lhe rogo que não os incomodemos.

– Não posso ficar com a senhorita numa hospedaria.

– Não sei por quê. Minha reputação já está completamente arruinada.

– Mas a minha, não.

– Claro. Sei, entendo. Desculpe. Não quero causar mais escândalos na sua vida. É que, no passado, lorde Hayden foi muito gentil e eu respondi com ingratidão. Aparecer agora na casa dele com essa terrível, desesperada...

Rose irrompeu num soluço que embargou as palavras. Depois, outro. Ela mordeu o lábio de novo, com força. Desta vez, não adiantou.

Ele pegou a mão dela e colocou um lenço em sua palma. O toque firme e seguro marcou a pele e a cabeça dela. Não machucou como o toque de Norbury. Também não foi fraco nem aprisionador. Só cuidadoso, forte e um pouco bruto. Como aquele abraço na estrada.

Parecia o toque de um amigo. Foi então que ela pôs a preocupação de lado. Finalmente, teve certeza de que estava em segurança.

Perdeu também a compostura. Seu salvador não fez qualquer menção de consolá-la. Ele sabia que nada mudaria o que estava por vir.



A compostura dela não o agradara. E agora o choro o espantava.

Resistiu à vontade de envolvê-la nos braços e confortá-la. Ela podia se assustar. Kyle sabia que continuava imaginando coisas a seu respeito. Na estrada, ela havia comprovado que ele a desejava, o que lhe dava bons motivos para desconfiar dele.

Ela continuou a chorar. Ele não aguentou. Afastou os rolos de projetos e sentou ao seu lado. Abraçou-a com cuidado, pronto para se afastar caso ela preferisse continuar sozinha com sua tristeza.

Mas não. Roselyn chorou no ombro dele enquanto ele a abraçava, tentando não tomar conhecimento do corpo frágil em seus braços. Kyle refreou as falsas palavras de encorajamento que teve vontade de dizer. Achou que ela as rejeitaria. Imaginou que nunca mais ela enganaria a si mesma.

A carruagem saiu da estrada principal. A jovem concluiu que a viagem estava terminando. Decidida, tentou engolir as lágrimas. Para lhe dar algum tempo, Kyle mandou o cocheiro ir mais devagar.

Ela se recompôs antes que chegassem à casa. Porém isso não fez com que o abraço parecesse inapropriado, e ela não tentou se afastar. Ele continuou a envolvê-la até a carruagem parar, depois saltou e lhe estendeu a mão para ajudá-la a descer.

Ela olhou a casa. Viu a linha vertical das colunas clássicas e blocos compridos nas duas laterais da fachada em forma de templo.

– Estamos no meio da noite. Todos devem estar dormindo – disse ela.

– Deve haver um criado junto à porta. Venha.

Ela apoiou a mão na dele. Ele sentiu uma leve aspereza que o surpreendeu, mas a pele era, na maior parte, macia e cálida. Ela desceu da carruagem. Fez

uma pausa, respirou fundo e caminhou junto a ele rumo à porta. Continuou com a mão na dele como uma criança assustada.

Um criado atendeu às suas batidas.

– Esta é a Srta. Longworth, prima de Lady Alexia – explicou Kyle. – Por favor, se lorde Hayden estiver em casa, peça que nos receba.

O criado os levou à biblioteca. Kyle notou as dimensões perfeitas do cômodo. Seu olhar experiente viu que até as colunas dóricas que enfeitavam as estantes de mogno seguiam as normas de proporções antigas. Lorde Hayden preferia o classicismo grego puro ao modelo romano.

A Srta. Longworth não quis se sentar. Devolveu a sobrecasaca de Kyle e ficou andando pela sala, torcendo o lenço dele nas mãos.

– Pode ficar enquanto me explico, Sr. Bradwell? Por favor. Lorde Hayden é uma boa pessoa... Não tenho medo dele, porém, depois de tudo... Acho que ele não é tão austero quanto parece, mas esta história pode pôr à prova até a paciência de um santo, e o fato de amar minha prima não evitará que ele reaja mal.

Kyle encontrara lorde Hayden só uma vez e admitia que o homem tinha aparência austera. Mas entendia o que ela queria dizer com “tudo” e como isso mostrava que o homem não era tão duro quanto parecia. Ou, como ela dera a entender, lorde Hayden estava tão apaixonado que pusera a austeridade de lado em relação aos parentes da esposa.

Pelo jeito, o “tudo” agora incluiria ajuda à parente em questão. A Srta. Longworth estava arruinada, mas Kyle achava que lorde Hayden não a deixaria morrer de fome por se afastar da família e dos círculos sociais.

– Posso ficar até que a senhorita se explique, caso queira.

Lorde Hayden não chegou sozinho. Veio acompanhado da esposa. Ambos pareciam ter se vestido às pressas: ele usava um casaco bordado azul-escuro e ela, um penhoar simples, amarelo-claro. Uma touca de renda escondia quase todo o seu cabelo negro. Kyle não conhecia Lady Alexia, parecia uma mulher simpática, mais ou menos da mesma idade da Srta. Longworth, 20 e poucos anos, imaginou. Naquele momento, seus olhos violeta mostravam uma evidente preocupação com a prima.

Lorde Hayden parecia resignado, como se não esperasse nada de bom após ser tirado da cama por uma Longworth. Seu olhar aguçado notou a sujeira na barra da saia da Srta. Longworth, resultado de sua tentativa de fuga. Prestando atenção no rosto de Kyle, claro que notou os arranhões que só poderiam ser feitos por uma mulher.

As primas se abraçaram e a Srta. Longworth fez as apresentações. Lorde

Hayden fez com a cabeça um sinal de que a formalidade era desnecessária, uma vez que ele e Kyle já se conheciam.

– O Sr. Bradwell me ajudou a escapar de uma festa na casa de lorde Norbury – informou a Srta. Longworth.

Lorde Hayden lançou um olhar expressivo para a esposa. Era o olhar de um homem que sabia daquele caso amoroso e que, desde o começo, previra o pior.

– Receio que – acrescentou a Srta. Longworth após uma pausa incômoda –... receio que em poucos dias todos saberão do escândalo que houve nessa festa. O Sr. Bradwell me trouxe para cá porque não havia outro lugar onde eu pudesse ficar esta noite, mas, assim que amanhecer, voltarei para Oxfordshire.

– O que aconteceu exatamente? – perguntou lorde Hayden.

Ela contou. Sem omitir nenhum detalhe. Não se poupou de nada. Assumiu toda a culpa pela situação, o que Kyle achou um pouco duro. O fato de ela ser incluída numa festa com prostitutas, ser leiloada, sua tolice ao interpretar de forma errada as intenções de Norbury: tudo foi relatado de modo claro, direto e honesto. Duramente.

– Portanto, volto amanhã para Oxfordshire – concluiu a Srta. Longworth. – Se eu sumir do mapa e rompermos os nossos contatos sociais, talvez vocês não sejam tão atingidos pelas consequências do meu comportamento.

– Não seja precipitada – contemporizou Lady Alexia. – Por certo as coisas não são tão ruins assim. Hayden, diga que ela não precisa romper totalmente conosco. Se nós...

– Não, Alexia – disse a Srta. Longworth. – Sei o que fazer e você também. Não obrigue o seu marido a nos dar um ultimato.

Lady Alexia parecia prestes a chorar. A Srta. Longworth manteve o equilíbrio. Kyle fez um cumprimento para as duas e se retirou, escapando daquela crise familiar bastante privada.

A Srta. Longworth olhou bem para ele.

– Desculpe não ter confiado no senhor. Lamento muito pelos arranhões. Obrigada por sua gentileza.

Não havia o que dizer, então ele apenas saiu da biblioteca. Então notou que lorde Hayden o seguia.

– Escute, Bradwell, a situação foi tão sórdida quanto ela disse? Ou há alguma esperança de... – perguntou ele, e deu de ombros, sem conseguir completar o pensamento.

– Quer mesmo a verdade, lorde Hayden?

O outro ficou indeciso.

– Sim, acho que sim.

– Norbury disse a todos os presentes que ela é prostituta e a tratou como se fosse, na frente de uma dúzia de homens que você encontra todos os dias nos clubes masculinos. Lastimo profundamente por ela, mas se trata de uma Longworth que o seu dinheiro e a sua proteção não podem salvar.

Os olhos negros de lorde Hayden tiveram um lampejo de raiva por causa da insinuação, mas a ira passou rápido. Foi substituída pelo cansaço e a aceitação.

– Agradeço por ter cuidado dela e a protegido, Bradwell. Num jantar cheio de homens, só você se comportou como um cavalheiro.

– O verdadeiro escândalo não deveria ser o fato de eu ser o único a *não* ser de fato um cavalheiro?

Kyle saiu da casa, afastando-se da lamúria que tomava o lugar. Uma lamúria que logo se tornaria um canto fúnebre.

Andou pela noite fria até a carruagem. O cheiro da Srta. Longworth tinha ficado na sobrecasaca e tomou conta dos pensamentos dele.



Após garantir que uma carruagem estaria pronta de manhã cedo, lorde Hayden se retirou e voltou para a cama. Alexia levou Rose para um sofá e a fez sentar-se.

– Graças a Deus, o Sr. Bradwell a protegeu.

– Teve um comportamento muito correto. E eu retribuí arranhando o rosto dele.

– Você estava perturbada. Mas tenho certeza de que ele compreendeu. Pareceu compreender.

Sim, ele compreendera. Tudo.

Lembrou-se do momento em que ele se aproximou ao fim do leilão. Nenhum homem ousou enfrentá-lo depois que ele deu o primeiro passo. Nem mesmo lorde Norbury. Aqueles idiotas bêbados sabiam reconhecer um homem correto.

Lembrou-se também do abraço cauteloso na carruagem, enquanto ela chorava. A força dele a acalmara. Lamentava nunca mais poder receber aquele abraço. A lembrança do cheiro dele, do tecido do colete e da camisa voltou com força, dando-lhe mais alguns instantes de paz.

Pensou, principalmente, no abraço que impedira sua fuga. Ela devia ter se assustado com o jeito rude, mas os braços dele pareceram uma proteção. Aconchegara-se a ele para fazê-lo baixar a guarda, mas ela que acabara sem defesas.

Assustara-se com aquela proximidade. Por um instante, esquecera o medo que tinha dele, mesmo ao ver o desejo estampado em seu rosto e sentir o corpo contra o seu. Na verdade, reagira como a prostituta que Norbury dissera que ela era. Uma inegável excitação correria por suas veias. Isso a chocara e causara uma última e desesperada tentativa de se libertar.

– Você enfrentou uma situação horrível. Norbury se comportou da maneira mais desonrosa com você e...

As palavras de Alexia terminaram num soluço. Os olhos de Rose queimavam quando ela abraçou a prima.

– Por favor, acalme-se. Norbury é um canalha, mas sejamos sinceras: fui uma tola. Sempre soube que um futuro conde não poderia se casar comigo. Não depois do que Tim fez. Tive a ilusão de que, para ele, eu era mais que uma mulher vendida, mas agora vejo que as palavras de amor faziam apenas parte do jogo.

Alexia conteve as lágrimas.

– Você falou em não nos ver mais. Que eu a perdi. Não pretende... não suporto a ideia de você passar de mão em mão, Rose. Por favor, prometa aceitar ao menos uma pensão de nós, de forma que não cometa nenhum ato desesperado por falta de dinheiro.

– Fique tranquila. Descobri que sou uma amante muito ruim e seria uma cortesã pior ainda. Primeiro, não exijo joias e, segundo, não dou prazer suficiente ao amante.

– Então aceita o dinheiro? *Finalmente?*

Era uma antiga discussão. Antes, ela recusara a ajuda de lorde Hayden por orgulho, após a falência de Timothy. Orgulho e raiva, pois achava que Tim fracassara por culpa de lorde Hayden. Depois, ao descobrir que lorde Hayden tinha, na verdade, ajudado Timothy, o orgulho fora substituído por decepção e constrangimento.

– Ele saldou todas as dívidas. Protegeu a nossa propriedade em Oxfordshire. Aceitar mais...

– Você *precisa* aceitar. Não me aflija, Rose. Já não basta perdê-la? Ainda tenho de imaginá-la com fome e doente naquela casa vazia?

– Não vou morrer de fome. Os alugueis não rendem muito, mas pagam o pão e o carvão. Mas preciso da sua generosidade em outro assunto. Irene...

Ficou tão emocionada ao dizer o nome da irmã que não conseguiu continuar a frase.

– Claro que ela pode ficar conosco – tranquilizou-a Alexia. – Ela está feliz por passar este mês conosco.

Rose mandara Irene ficar com Alexia para evitar que soubesse do caso com Norbury. Agora a irmã seria a pessoa mais atingida pelo escândalo.

– Ela está gostando de ficar com vocês? – perguntou Rose.

– Muito. Prefere a cidade, mas já fez alguns amigos aqui também.

– Vão comentar e evitá-la. Ela vai saber de tudo. Vai ficar com raiva de mim.

– Ela está amadurecendo, Rose. Deixou de ser egoísta. Chegou a se desculpar com Hayden pelo que disse na primavera passada. Vai sobreviver às intrigas.

Rose imaginou Irene fazendo isso e ficou ainda mais aflita.

– Acha que há alguma esperança para o futuro dela, Alexia?

– Se Hayden e os irmãos a tratarem como se fosse um deles, ela será poupada do pior. Ela também tem aquelas 5 mil libras do seu irmão, embora eu preferisse que você não tivesse pedido a Hayden que abrisse um fundo para ela com essa quantia. Acho que você poderia usar melhor o dinheiro.

– São as sobras de um crime, Alexia. Eu não posso tocar nesse dinheiro, mas Irene nunca vai saber a origem dele.

Alexia deu uma batidinha na mão de Rose como uma mãe que apoiasse um filho. Súbito, Rose se sentiu cansada, suja e triste. Estava mais ciente do mundo do que há seis meses, mas, em comparação, a ignorância tinha sido uma bênção.

– Alexia, se não se importar, gostaria de dormir com Irene esta noite. Vou embora ao amanhecer, mas antes explicarei por que ela não vai para casa comigo.

Nem naquele momento nem nunca mais. Despedir-se de Irene iria despedaçar o coração de Rose.

Alexia colocou o braço nos ombros dela.

– Se é assim que quer, assim faremos.

Ela se encostou em Alexia e apoiou a cabeça no ombro dela.

– Abrace-me, querida amiga. Logo estarei morta para vocês duas, e não suporto pensar nisso.

CAPÍTULO 3

Jordan ritmou seus passos de acordo com o toque inaudível de trombetas enquanto levava uma carta pelo aposento. Seu nariz fino e pontudo estava mais empinado do que nunca, fazendo seu rabo de cavalo grisalho e fora de moda bater nas costas.

– Sir, a carta foi entregue em mãos. Agora. Um mensageiro a trouxe. Um mensageiro *de libré*.

Ao ver a carta, Kyle entendeu a reação de seu criado. Aquele papel devia custar 5 libras a resma. E um brasão provava a alta posição social do remetente.

Reconheceu o desenho. A carta era do marquês de Easterbrook.

Ora, ora.

– Diga-me, Jordan, pode-se simplesmente romper o lacre ou é preciso cumprir algum ritual antes?

O criado de rosto fino franziu as sobrancelhas. Ele se orgulhava de ser um especialista ao qual o filho de mineiro podia pedir ajuda sobre os requintes da sociedade.

– Ritual? Creio que não... Ah, o senhor está brincando. Hehehe, não há ritual, que eu saiba.

– Bom, se souber que existe algum, não conte a ninguém que o desrespeitamos.

Kyle rompeu o lacre. Jordan esticou o pescoço, na esperança de espiar algumas palavras.

– É um convite do marquês de Easterbrook – disse Kyle. – Pelo menos, acho que é um convite. Mais parece uma intimação.

– Diz o quê?

– Que o marquês teria prazer de me receber esta noite.

– Claro que é um convite.

– Que bom. Significa que posso recusar. Vou mandar um cartão lamentando já ter outro compromisso.

– Ah, senhor, pelo amor de Deus, *não* faça isso – falou Jordan, contendo um suspiro de horror. – Se um marquês tem o prazer de recebê-lo, se o convida, o senhor tem de *ir*.

Kyle sabia como essas coisas funcionavam. Tinha sido recebido por um conde várias vezes. Deixou Jordan se atormentar enquanto ele olhava o convite.

Dizia-se que Easterbrook não costumava receber muitas pessoas, menos ainda homens como Kyle Bradwell. Entretanto o marquês de Easterbrook era Christian Rothwell, irmão mais velho de lorde Hayden Rothwell. Claro que ouvira falar da triste cena ocorrida com a Srta. Longworth quatro noites antes. Decerto queria garantir que o salvador não iria se vangloriar, nem tirar vantagem da ruína da parente.

Kyle resolveu atender à intimação, mas por motivos pessoais. No encontro, podia saber como estava a Srta. Longworth. Tinha pensado nela nos últimos

dias. Entregara-se às fantasias que prometera a si mesmo, mas algumas preocupações também haviam se intrometido em sua cabeça.

– Se quiser, posso indicar os trajes adequados – ofertou Jordan.

– Ótimo, mas não exagere. O marquês não é o rei.

Deixou o “convite” de lado. O encontro com Easterbrook certamente seria breve. O marquês não precisaria de muito tempo para ameaçá-lo.



Kyle nunca tinha entrado numa casa na Grosvenor Square. Só isso já tornava o convite de Easterbrook interessante. Observou a arquitetura e os móveis enquanto o criado o conduzia para a sala de visitas.

O imenso e imponente cômodo era extremamente luxuoso. A decoração era meio ultrapassada, mas impressionava pela sobriedade e opulência. Cada peça, dos tapetes aos frisos do teto, dos castiçais ao debrum das cortinas, tudo era o melhor que o dinheiro podia comprar.

Esperou bastante para ser recebido pelo generoso anfitrião. Passou o tempo olhando os quadros que cobriam as paredes, vendo se sabia identificar os pintores.

– Aquele ali é atribuído tanto a Ghirlandaio quanto a Verrocchio. O que acha?

Kyle se virou ao ouvir a pergunta. Um homem de cabelos negros estava a poucos passos dele. Concluiu que era o marquês, não só pela semelhança com lorde Hayden: nenhum criado ousaria apresentar-se daquele jeito, sem colete ou gravata e com os cabelos compridos batendo nos ombros.

– Eu não saberia responder – disse Kyle.

– Estava observando os quadros como se soubesse.

Kyle deu de ombros.

– É uma obra anterior a Rafael e não é um Botticelli. Não vou além disso.

– Já é mais longe do que a maioria das pessoas chega – assegurou o marquês, depois indicou um conjunto de cadeiras e um divã. – Vamos nos sentar ali. Trarão... alguma coisa para bebermos. Café, imagino.

Kyle sentou numa cadeira e Easterbrook ficou no divã. O marquês examinou o convidado com atenção. Kyle fez o mesmo. O tempo passou em silêncio enquanto eles se avaliavam.

– Você me parece um homem interessante, Sr. Bradwell – começou Easterbrook, com um vago sorriso no rosto, apesar do olhar crítico. – Pelo menos, está à vontade. Sem dúvida, ter apoio financeiro de Cottington fez

com que convivesse com meus pares. E talvez também tenha feito com que os desprezasse.

Pelo jeito, Easterbrook tinha se dado ao trabalho de saber um pouco sobre o destinatário antes de fazer o convite.

– Não desprezo os seus pares. Do contrário, não estaria aqui. Estou apenas aguardando para saber por que quis me encontrar.

– Você me olha com muita ousadia. O que está pensando?

– Em quanto dinheiro precisarei ter para não precisar mais apertar meu pescoço com uma gravata.

– O suficiente para não dar um centavo pela opinião dos outros, creio eu.

Os dois sabiam que, na verdade, dinheiro não tinha nada a ver com aquilo.

– E quando *voce* me olha, o que pensa?

Easterbrook fez mais um longo e cuidadoso exame.

– Penso que estou vendo o futuro.

Os criados chegaram trazendo várias bandejas com café, chá, licores e bolos. Parecia que, quando receberam a ordem na cozinha de servir “alguma coisa”, concluíram que era mais seguro servir quase tudo.

Quinze minutos se passaram com os criados oferecendo diversas bebidas. Por fim, o marquês fez um gesto para que saíssem da sala.

– Creio que foi apresentado ao meu irmão algumas noites atrás – disse ele. Estavam finalmente chegando ao tema.

– Na verdade, eu já conhecia lorde Hayden. Mas de fato o encontrei em Kent há algumas noites.

– Ele voltou para a cidade e trouxe Alexia. Soube que ela está inconsolável por causa da prima. Gosto muito da minha cunhada. Está grávida e sua aflição me preocupa.

– Lamento saber que está aflita. Tem alguma notícia da prima dela? Ela está bem?

– Não soube da saúde da Srta. Longworth.

Mas o anfitrião ficou satisfeito com a pergunta. Kyle não conseguiu entender por quê.

– Meu irmão veio à cidade garantir a todos que você chegou com a Srta. Longworth na casa deles em Kent pouco mais de uma hora depois de tirá-la da festa de Norbury.

Kyle duvidava que isso ajudasse muito. O escândalo estava se espalhando rápido e chamando mais atenção para ele do que gostaria. Jordan fora abordado na rua por um sujeito de um jornal sensacionalista que lhe perguntara se a Srta. Longworth estava morando na casa do Sr. Bradwell.

Easterbrook se levantou. Andou sem rumo, perdido em pensamentos.

Não, não foi sem rumo. Ele de certa forma rodeou a cadeira de Kyle.

– A sua reputação vai ser preservada graças a Hayden. Vai ficar com fama de tão sério que decerto nunca mais será convidado para qualquer diversão na vida – observou Easterbrook. – Minha dúvida é se é possível fazer algo para poupar a Srta. Longworth também, de forma que Alexia não fique tão infeliz.

– Passei muito pouco tempo com a Srta. Longworth.

– Conte-me tudo. Os criados só me trazem partes da história e meu irmão diz apenas que ela se perdeu.

Kyle contou como tinha sido a noite, da maneira como ele vira. Easterbrook dava voltas enquanto ouvia. Perguntou algumas coisas para elucidar detalhes. Andou mais um pouco.

– Parece que a Srta. Longworth se envolveu com um homem que ela pensou que a amasse, mas em troca ele deliberadamente destruiu sua reputação. Pergunto-me se houve motivo para isso. Sou obrigado a concluir que sim.

Mais três passos para reflexões.

– Acho que tem a ver com aquele maldito irmão dela – falou o marquês.

Kyle deixou ficar por isso mesmo. E gostou que Easterbrook compreendesse as razões humanas mais do que a maioria das pessoas.

De repente, Easterbrook interrompeu suas divagações e sentou no divã outra vez, agora mais perto de Kyle. Seguiu-se outro longo exame.

– Você deu um lance muito alto. Foi uma tática perspicaz, mas muito cara.

Pela primeira vez desde que entrara naquela casa, Kyle sentiu-se desconfortável. Não gostou da forma agressiva com que o marquês olhava para ele. Seus instintos lhe diziam que uma ameaça direta seria melhor do que qualquer coisa que aquele homem estivesse tramando.

– Deve ter lhe causado um rombo no bolso, pagar tudo de uma vez.

– Dei um jeito.

Um mau jeito. Dois dias antes, tinha assinado mais promissórias do que gostaria de imaginar.

Easterbrook se recostou no divã.

– A Srta. Longworth é uma mulher bastante adorável, não acha?

– Sim, adorável.

Por que ele teve a sensação de, ao concordar, haver perdido terreno numa batalha?

– Não acredito que minha cunhada tenha de se afastar definitivamente da prima. Acho que, com algum esforço, nós podemos abrandar o que houve de pior para que a moça continue a ter um futuro. Talvez sempre haja intrigas, mas ela pode ser salva.

A quem, diabos, ele se referia com *nós*?

– Dizem que você raramente sai desta casa, então talvez tenha esquecido como essas coisas funcionam. Ela não vai ficar com um fio de reputação intacto. Seu irmão sabe disso. A própria Srta. Longworth o admitiu.

– Isso porque meu irmão e ela estão vendo a peça da maneira como Norbury a encenou. Mas, nas mãos de outro diretor, as cenas atingirão a plateia de outra forma. Basta mudar o final – afirmou o marquês e fez um gesto lento, como se isso fosse fácil de conseguir.

Kyle mal conteve um riso de escárnio. Easterbrook achava que podia mudar o passado e o futuro.

– Vou lhe dar outra visão do fato, Bradwell. Na minha peça, um libertino atrai uma mulher virtuosa para uma festa particular. Ao chegar lá, ela descobre que as intenções dele são desonrosas. Resiste e ele se vinga humilhando-a em público, de forma a assegurar a ruína e a degradação dela. É uma história plausível, não?

Kyle deu de ombros. Era plausível e até bastante fiel. Porém a parte mais importante estava errada. Ao chegar à festa, a Srta. Longworth já tinha perdido sua honra. Não resistira a Norbury, seja lá por que motivos fossem.

– Nenhum dos presentes tem certeza disso.

Easterbrook parecia ler os pensamentos de Kyle, o que era muito irritante.

– Eles só têm a palavra do vilão. Na minha versão, Norbury é subitamente desafiado por um gentil cavaleiro. O homem mais improvável naquele jantar arrisca todo o seu dinheiro para salvar a pobre inocente de um destino pior que a morte.

– Agora está ficando melodramático.

– A plateia adora melodramas e adora mais ainda ter um romance em vez de um escândalo. O que nos leva ao meu novo final. O cavaleiro não se aproveita da gratidão da adorável dama, como poderia. Em vez disso, protege-a e a devolve em segurança à família – diz, fazendo de novo aquele gesto lento. – Depois, casa-se com ela.



Casa-se com ela.

Kyle olhou bem para Easterbrook. Diabos, o sujeito estava falando sério.

– Você está maluco.

– É a solução perfeita.

– Então, case-se você com ela.

– O cavaleiro não era eu. Nem ela é esposa para mim. É tão bela que cheguei a pensar em tê-la como amante, mas, como é prima da minha cunhada, bem...

Maldição, ele não era melhor do que Norbury.

– Tem razão. Às vezes desprezo homens como você.

– Eu disse que a ideia passou pela minha cabeça. Não disse que a realizei.

O marquês não parecia nem um pouco ofendido.

– Mas entendo por que isso pode ofender a sua noção de honestidade. Coitada da Srta. Longworth, ficou tão vulnerável com a falência da família, o empobrecimento, que agora atrai esses abutres aristocratas...

– Sim, me ofende, *dane-se*.

O xingamento permaneceu no ar. Kyle trincou os dentes e conteve o inesperado surto de raiva que causara a explosão.

– Assim sendo, o futuro dela talvez seja a cama desses abutres, mas, se ela se casar, terá a chance de uma vida decente – previu Easterbrook. – Esta manhã, pensei quanto me custaria conseguir que você fizesse isso. Considerando-se como ficou irritado, poderia não custar tanto.

– Compre um homem da sua espécie. Um homem mais à altura da posição social dela. Certamente, há um filho desgarrado de algum barão à venda por aí.

– Não cabe no meu enredo. Se você se casar com ela, aquele leilão se transformará num começo romântico, não num final sórdido.

Easterbrook continuava olhando daquele maldito jeito arrogante. Kyle queria dar um soco naquela cara convencida. Em vez disso, levantou-se e foi em direção à porta.

A voz de Easterbrook o acompanhou.

– Vai ascender socialmente, se casar com ela. Você tem dinheiro e educação. Aprendeu a se vestir e a conversar, mas sozinho jamais conseguirá entrar na sociedade. Por outro lado, eu e toda a família o receberemos, se for casado com Roselyn Longworth. E se nós recebermos, outros farão o mesmo.

Já irado, Kyle seguiu seu caminho.

– Não faço questão de passar por essas malditas portas.

– Acredito, agora que o vi. Mas os seus filhos...

Kyle parou a poucos passos de uma das ditas portas. Easterbrook era um demônio inteligente. Perigosamente atento. Sabia que uma coisa era aceitar as cartas que o destino lhe deu, outra era impedir que os filhos recebessem cartas melhores.

Um filho ou filha nascido na vida que ele conseguira construir estaria dolorosamente consciente do que a origem do pai lhes negara. Ter berço fazia diferença. Portas mais importantes do que as de salas de visita ficariam fechadas para os filhos dele.

Ter uma mãe vinda de boa família não resolveria o problema por completo, mas faria uma grande diferença. Principalmente se tal mãe tivesse algum parentesco, ainda que indireto, com um marquês, frequentasse a casa dele e fizesse parte do círculo social de Lady Alexia.

– Pode não se importar com as ligações sociais, mas acho que se interessaria pelas de negócio. Meu irmão Hayden cuida dos negócios da família e é famoso pelo sucesso que tem em seus projetos. Tendo uma ligação familiar com ele, você seria incluído nesses negócios.

Easterbrook falava apenas com as costas de Kyle, mas num tom que supunha que tinham iniciado as negociações.

Kyle se virou.

– Não tem havido projetos nos últimos tempos.

Kyle sabia por que, mas o marquês talvez ignorasse o motivo.

– Ele está recém-casado, entretido com a esposa. Pode ter certeza: ficará mais rico do que jamais imaginou. Ouvi dizer que tem tido sucesso com parcerias, mas nisso ninguém supera o meu irmão.

Kyle desconfiava que o marquês seria capaz de superar, se um dia quisesse. Quanto a lorde Hayden, no momento ele estava em dificuldades, mas tinha certeza que se recuperaria.

– Uma bela esposa de boa família, uma enorme chance de enriquecer... Bem, qual era mesmo o outro suborno que preparei? Ah, sim: 5 mil libras para reabastecer seus cofres.

– Não, 10 mil.

Easterbrook sorriu lentamente.

– Esperava que quisesse 20 mil.

– Se estivesse disposto a dar 20 mil, teria oferecido mais no começo.

Easterbrook pareceu satisfeito consigo mesmo.

– Posso concluir que chegamos a um acordo? Tenho certeza de que Alexia adoraria contar isso à Srta. Longworth.

– Ainda não tem minha assinatura na escritura de venda – contrapôs Kyle, e fez menção de caminhar para a porta novamente. – E, se eu resolver aceitar a proposta, falarei pessoalmente com a Srta. Longworth.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br